

A CONCEPÇÃO DE ESPORTE EM ANTONIO PRADO JUNIOR: O amadorismo como princípio civilizatório e regenerador

Renato Lanna Fernandez¹

Tenho como objetivo debater nesse texto a figura de Antônio Prado Junior, como dirigente esportivo, especialmente na presidência do CA Paulistano, que presidiu por cerca de 38 anos. Durante esse período esse clube viveu o auge em termos de visibilidade social e conquistas esportivas

Antônio Prado Junior, foi dirigente em um momento que as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro emergem como líderes do debate sobre modernidade e identidade nacional. São Paulo busca substituir a capital federal como condutora desse processo. A cidade possuía uma população que aumentava vertiginosamente pulando de 23.820 pessoas em 1900 para 579.033 em 1920 (SCHUPUN:1999:17) em uma explosão demográfica causada pelo recrutamento de mão de obra para a cultura do café e pela industrialização que começava a prosperar. Pelo Censo econômico de 1920, São Paulo respondia por mais de dois sétimos da produção agrícola e industrial do Brasil, mais que o dobro de Minas Gerais a segunda colocada. Seu porto, em Santos, exportava três vezes mais do que o do Rio de Janeiro. Em 1907 metade do café do mundo era cultivado no Estado que era o primeiro do país em produção industrial. Possuía uma proporção de alfabetizados só superada pelo Rio Grande do Sul. Para o Partido Republicano Paulista (PRP) São Paulo representava um centro de progresso e civilização num país sul americano desorganizado.

Após a primeira guerra uma nova geração emergiu jovens formados no caos metropolitano. O ano de 1919 caracterizava-se pelo alvorecer de um novo tempo marcado pelo ritmo e pelo movimento. O velho hábito de repousar no fim de semana era um despropósito, na rua estavam a ação, por isso toda uma nova série de hábitos despontava, tanto os físicos como os mentais. Esses hábitos já existiam desde o início do século, “mas é nessa conjuntura que eles ganham um efeito sinérgico” (SEVCENKO:1992: 33). Seu publico eram os jovens esportistas que atuam pelos *clubs* que centralizam essas atividades e surgem como modelo para essa elite, mas que nos

¹ Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ) e doutorando do curso de História Política e bens culturais do CPDOC – FGV.

anos vinte se espalham pelas várzeas e periferias da cidade. Era a difusão de uma filosofia que valorizava a juventude e as suas atividades como o esporte, a dança. (IDEM:34).

Assistimos nos anos vinte a proliferação dos ambientes dançantes. As inovações tecnológicas como as vitrolas, alimentaram a indústria do lazer, os clubes utilizam seus salões para bailes, *music-halls* e sorvetes dançantes. Toda a conquista nos campos era comemorada com um chá dançante ou coisa parecida. Aos poucos os bailes vão substituindo os grandes banquetes ou as feijoadas comuns nos primórdios do futebol. Os bailes são mais elegantes e propiciam uma participação maior das mulheres que vestidas na última moda se destacam nos salões dos clubes. Em meio a esta atmosfera de desenvolvimento esportivo varias entidades concorrem entre si para deixarem sua marca de distinção, um marco de referencia que viesse a tornar-se um traço de identidade com a cidade, o Paulistano era uma das mais importantes instituições com esse caráter, participando ativamente dos acontecimentos culturais de sua cidade e prestando serviço a ela quando necessário, como ocorreu na epidemia de gripe espanhola ou nas revoltas tenentistas de 1922 e 1924.

É nesse contexto de intensa transformação que o Paulistano, a partir da presidência de Antônio Prado Junior, ira se constituir como um clube de excelência dentro da sociedade paulistana. Sua sede será expandida e as conquistas esportivas marcaram o auge de sua equipe e de seus ídolos. Seus salões iram representar os anseios das elites na construção de uma nova sociedade pautada na civilidade, na sofisticação e na beleza estética dos corpos associada a saúde física e mental.

O Paulistano chegou a ser o que foi devido à militância de seus associados e de seus dirigentes, que acionando suas redes de relações, conseguiram drenar visibilidade, prestígio, dinheiro e outros capitais para os clubes. Nos primórdios do futebol a fidelidade clubística estava ligada a laços de sangue, tão presentes nos parentescos dos dirigentes que influenciam na história dos clubes, nomes de famílias poderosas que ficaram ligados à tradição do clube.

Os dirigentes são atores que medeiam o dom do jogador², não entram em campo, mas geram o espetáculo, com suas roupas de grife, compatíveis com a classe social a

² O termo Dom em sentido futebolístico é sinônimo de talento, como algo manifesto, natural, manifestado nos atributos como simplicidade, capacidade de solucionar tecnicamente os desafios do jogo, fluidez, facilidade de drible, imaginação, criação e raciocínio rápido (DAMO: 2002:109).

que pertencem, caracterizam-se pelo uso de categorias de percepção e de juízos diversos do que se poderia esperar (DAMO:2002:110). Esses elementos são fundamentais para o estudo sobre os clubes, para que se possa entender, como, em seu contexto histórico, esses indivíduos, foram responsáveis pelas mudanças ou permanências das características sociais e estruturais de suas agremiações a partir de suas atuações como gestores de seus clubes.

A intenção é pensar e problematizar certos tipos de dirigentes como símbolos ou modelos de determinadas instituições. Assim, utilizando os pressupostos de Arlei Damo (2002), buscamos perceber na lógica da universalidade da dádiva, da honra e do dom, como se manifestam os estilos de direção e as formas como as representações do clube será construída. No caso dos clubes estudados chama a atenção à administração de Antônio Prado Junior no C A Paulistano.

Muitas vezes a história das instituições se confundem com a história daqueles que a dirigem, indivíduos que ocuparam a posição mais destacada na morfologia do grupo. Seguindo a afirmação de Thompson que “No sentido mais geral, uma vez que a experiência da vida das pessoas de todo o tipo possa ser utilizada como matéria prima, a História ganha nova dimensão” (Thompson:1992:25). dessa forma torna-se necessário entender um pouco da trajetória e do pensamento daqueles que foram especiais na formação da identidade clubística do Paulistano.

Procurando compreender como a posição do indivíduo na estrutura social foi capaz de dinamizar o papel do clube no contexto esportivo, busco demonstrar como a origem familiar, o prestígio social de suas famílias nas atividades empresariais e as redes de relações sociais dos Prado foram utilizadas para desenvolver o esporte no período amador e transformar este clube em uma instituição modelar.

Quando o sargento-mor Antônio da Silva Prado partiu da cidade do Prado em Portugal rumo à colônia durante a primeira década do séc. XVIII, não imaginou que estaria dando origem a uma das mais destacadas famílias da História do Brasil: os Silva Prado. Antônio, como muitos outros portugueses, veio para o Brasil em busca de fortuna. Nesta época, o bandeirantismo já começava a desbravar a região que hoje é conhecida como São Paulo. Antônio casou-se com Fellipa, oriunda de uma família de

bandeirantes. Com o casamento, ingressou na atividade desbravadora e deixou uma pequena fortuna para seus descendentes (LEVI:1977:49-50).

No final do séc. XVIII, dois tipos econômicos vão marcar a capitania de São Paulo: o comerciante itinerante e o fazendeiro. Eles planejavam o futuro da região que ia além da exploração da terra, seus governantes estimulavam os progressos na vila. Esses grupos formavam verdadeiros laços familiares, diretos ou não. Tais laços foram fundamentais para a unidade da capitania. É nesse contexto que a segunda geração dos Prados começou na atividade política, além de seu papel como empreendedores mercantis urbanos.

O prestígio local da família inicia-se com a Independência. O terceiro Antônio Prado, o Barão de Iguapé (1788-1875), comerciante de açúcar, coletor de impostos e traficante de escravos alcançou importantes postos políticos. O próprio cargo de coletor de impostos é resultado desta nobreza adquirida. Aliás, a tarefa de coletor de impostos era mais rentável do que todas as outras atividades. Com a nova posição social, a família foi aos poucos abandonando as atividades braçais. O Barão teve dois filhos, Veríssimo e Veridiana (IDEM:58-59), e é exatamente esta filha que merece um destaque em nossa história.

A nova geração da família Prado a partir de Martinho e Veridiana, avós de Antônio Prado Junior, sofrera o processo de europeização assim como outras famílias da mesma posição social. A nova geração dos Prado deu valor às ideias e coisas tidas como modernas, colecionando objetos novos e curiosos e ao mesmo tempo apegavam-se a valores da terra e da fazenda rural. A ética familiar dos Prado abrangia o valor do trabalho, do individualismo agressivo e do alheamento público, um alto grau de cosmopolitismo temperado pelo respeito a terra e suas tradições (idem:119).

Veridiana Prado (1825-1910) foi uma das mulheres mais influentes de sua época. Casou-se com seu tio Martinho (1811-1891) com apenas 13 anos, fato comum na época que indica a importância da manutenção dos laços familiares (IDEM:67), foi mãe de 4 filhos antes de se separar informalmente do marido, sua conduta demonstrava o imenso prestígio que a família tinha em São Paulo. Apesar da submissão comum da mulher possuía um temperamento forte e independente, a atitude de separar-se de Martinho, era um acontecimento muito incomum naquele contexto, fortemente desaprovado pela sociedade. Com a separação a família ingressou numa fase matriarcal.

Veridiana não só exercia forte influência sobre os filhos, mas também sobre os netos. Fixou residência em São Paulo e em 1884 construiu um palacete magnífico no bairro de Higienópolis, conhecido como Chácara de Dona Veridiana, as festas realizadas ali eram verdadeiros acontecimentos.

Sua postura permitiu que sua prole apresentasse características mais urbanas e independentes em relação aos seus antepassados. O dinheiro farto permitiu que os filhos de Veridiana e Martinho tivessem acesso a livros e tutores estrangeiros. Em 1862 Antônio Prado, seu filho mais velho, embarcou para uma viagem a Europa. Foi o início de uma prática que envolveu os novos membros da família. As temporadas na Europa eram comuns para as famílias abastadas que recebiam lá “um banho de civilização”.

Os Prados se envolveram no processo de europeização do Brasil, em suas viagens procuravam modelos de progresso entre as nações. O envolvimento de seus membros com as tendências europeias ajudaram a lhe dar uma aura de modernidade responsável pelo aumento de seu status como uma importante família paulista, principalmente pelo estilo de vida que passaram a representar marcado por uma convivência social intensa dividida entre viagens, bailes em seu palacete no bairro de Higienópolis e temporadas no Guarujá em companhia de outras famílias paulistanas como os Matarazo, Simonsen, Salles, Alves, Mesquita e Penteados.

O quarto Antônio Prado, filho de Veridiana e Martinho, foi ministro da agricultura, comércio, obras públicas e das relações exteriores, conselheiro do Império, membro do partido conservador e abolicionista. Após a proclamação da república continuou na política elegendo-se deputado constituinte e em 1899 tornou-se prefeito de São Paulo onde remodelou e saneou a cidade.

Tanta riqueza permitiu que os herdeiros do Conselheiro vivessem uma vida sem preocupação, de todos os seus filhos, Antônio Prado Junior, quinto de sua geração, foi o que mais encarnou o espírito da Belle Époque. Nascido em 1880 foi educado em São Paulo e Paris, vivia em festas e viagens, era o típico “*sportmen*”, aos 15 anos bateu o recorde sul americano de ciclismo em uma prova de 1100 metros em benefício dos soldados vitimados na batalha de Canudos. Neste esporte foi tricampeão sul americano e representou o Brasil no tour da França onde sofreu uma queda na terceira volta e com ferimentos leves teve de abandoná-la. Em 1897 disputou uma inusitada prova de velocidade entre Paris e Deauville (220km²) onde uma bicicleta é presa a uma moto.

(AMARAL:1977:5). Possuía um Packard amarelo, automóvel utilizado para uma viagem de 14.000km pela Europa atravessando a França, Suíça, Áustria, Alemanha, Holanda e Bélgica em 22 dias. Foi o primeiro a realizar uma viagem de automóvel entre Rio e São Paulo. Em 1908 venceu o circuito São Paulo-Santos, junto com Mario Cardim e Washington Luiz. Foi fundador e presidente do Automóvel *club* de São Paulo e da associação de estradas e rodagem. Sua paixão por esportes arriscados levou-o, ao lado de seu amigo Santos Dumont, a viajar em um balão entre Paris e Bélgica. (Idem 141).

Praticava também esportes menos arriscados como tênis, foi membro do Comitê Olímpico Internacional (COI), integrando como dirigente a delegação do Brasil nas olimpíadas de Berlim e Helsing. Foi presidente da APEA e Liga Amadora de Futebol (LAF), mas se destacou como presidente do C A Paulistano por quase 50 anos sendo chamado de “Tio Antônio” (Idem)

Sua vida social era bastante intensa casou-se com Eglantina Penteado³, “uma paulista quase parisiense que constitui um dos mais belos ornamentos da nossa sociedade feminina⁴”, filha do Conde Álvares Penteado, industrial têxtil e presidente da Companhia Mogyanna de estrada de ferro. O casamento juntou duas das mais importantes famílias de São Paulo o que tornava o casal extremamente rico e uns dos maiores organizadores da vida social da cidade. Sua vida contrastava com a de seus antecedentes, o casal mostrava pouca acomodação a uma vida tradicional, como demonstra a figura abaixo.

Antônio Prado Junior foi presidente do C. A. Paulistano entre 1906-1909 e 1916 a 1954. É tido como o grande responsável em transformar um clube de estrutura esportiva rústica em uma instituição de influência extraordinária na sociedade paulistana. Em seu livro comemorativo do centenário existe uma parte denominada “Tio Antônio o dono do Glorioso” onde se afirma que a história do presidente confundia-se com a do clube. Era chamado por alguns de “o dono”, por outros de “o grande senhor”, mas para maioria era simplesmente “Antônio”, com alguma ironia alguns referiam-se a ele como “Santo Antônio”. Antônio Prado ia ao clube diariamente pela manhã, parava seu *cadillac* e fazia uma inspeção “*Tour du propriétaire*”. De poucas palavras era

³ Eglantina Penteado faleceu em 1931, Antônio Prado Junior casou-se outra vez com Regina Alice da Silva Prado, teve dois filhos e uma neta.

⁴ *São Paulo Magazine*, 15 de junho de 1906). Op.cit (LEVI:1977:111)

metódico e obstinado, olhava desde a arrumação até a postura dos sócios na obediência das regras. Analisava todas as propostas de novos membros, mesmo depois de aprovada pela comissão de sindicância. (BRANDÃO:2000:60-61). Depois de certa idade deixou de comparecer as festas, tornando-se mais recluso, mas frequentava as competições esportivas.

Foi um mecenas do clube, levantando o Paulistano da crise financeira de 1915 que quase levou ao fechamento da instituição, usando seu prestígio arregimentou outros milionários como ele a associarem-se ao clube e emprestar dinheiro para sua recuperação. Expandiu o patrimônio material, incentivando a prática de todas as modalidades, converteu o clube na mais prestigiosa sociedade esportiva e num centro de reuniões sociais que exerceu forte influência nos hábitos da sociedade paulistana, “um exemplo de organização esportiva que influencia outras praças esportivas especialmente o Rio de Janeiro”⁵. O momento de maior glória do clube foi a vitoriosa excursão do time de futebol a Europa em 1925, onde só sofreu uma derrota, sendo aclamados pelos jornais francesa como “os reis do futebol”.

Sendo uma figura sempre presente nas competições em que o Paulistano participava, quase sempre as vitórias obtidas eram atribuídas as suas qualidades como administrador.

Mais uma vez era vitória de Antônio Prado Junior, Tio Antônio. Não é preciso dizer, ele acompanhava o *team* em tudo, tinha uma disciplina rígida, mas feita com muita humanidade e muita amizade. Era amigo de todos, a todos tinha uma palavrinha e às vezes caçoando, mas sem ofender (AMARAL:1977:13).

A julgar pela maneira como é retratado pela memória clubística, Antônio Prado Junior era um administrador paternalista, o clube era uma extensão de suas propriedades e assumia as características dele, foi o grande instrumento veiculador de suas concepções acerca do esporte e do ideal amador.

Acreditava como era tendência na época que o esporte deveria ser capaz de criar um sentimento de identidade pautado na participação comum dos cidadãos a partir de suas regras fixas que ajudavam a mediar às diferenças não só entre clubes, mas entre os

⁵ *O Estado de São Paulo*, 20 de dezembro de 1951, p4 Edição comemorativa do cinquentenário do CAP.

homens, extrapolando sua função de divertimento e exercício físico, servindo como plataforma para a demonstração de valores civilizatórios.

Para ele o esporte era um elemento civilizador, pois ajudaria o homem a obter a disciplina fundamental para a formação do caráter do indivíduo. A disciplina era uma questão moral, demonstraria o real grau de civilidade e cordialidade do esporte paulistano ajudando a construir uma nova sociedade. A disciplina e a moral seriam dois conceitos necessários para a harmonia no esporte, regulando não só os atletas, mas a atuação dos dirigentes que deveriam se preocupar com a valorização do esporte. Somente com os ideais amadores se chegaria a esse modelo de esporte, para ele o profissionalismo desvirtuava o esporte.

Em nome desse ideal fundou em 1926 a Liga Amadora de futebol, com o objetivo de combater o profissionalismo que vigorava na APEA⁶, com o fracasso de sua iniciativa, levou o Paulistano a extinguir seu departamento de futebol em 1929.

Paralelamente a sua atuação esportiva Antônio Prado Junior foi prefeito do Rio de Janeiro, Distrito Federal entre 1926 e 1930 nomeado pelo Presidente Washington Luís. Chegou a receber placa de melhor prefeito do Rio. Aplicou na prefeitura os mesmos métodos do clube: Disciplina, Limpeza e beleza. Como prefeito Antônio Prado Junior dirigiu sua atenção a modernização física e embelezamento da cidade, seguindo os passos de seu pai quando prefeito de São Paulo. Foi o primeiro governante a organizar um plano diretor para a cidade do Rio de Janeiro, o Plano Agache⁷. Na sua administração foi feito o primeiro reconhecimento aéreo da cidade. (LEVI:1977:302). Foi responsável pela construção da Praça Paris que tinha um traçado e elegância de um jardim francês, abriu novas ruas, fez calçamentos, obras de saneamento, escolas e instalou os primeiros sinais de trânsito da capital. O papel de prefeito “apolítico” era de certa forma à continuação da tradição política da família. Uma administração marcada por obras e melhorias sem grandes acordos políticos que inviabilizavam uma progressão maior na política nacional.

Nesse período não abandonou a presidência do Paulistano indo todos os sábados para São Paulo e fiscalizava as obras de ampliação do ginásio concluídas em 1931.

⁶ Associação Paulista de *Sports* Athleticos.

⁷ O Globo, 02 de junho de 1927, p.1.

Ligado ao grupo político de Washington Luiz foi preso no Forte de Copacabana, com a revolução de 1930, embora não estejam claros os motivos de sua prisão, sofreu acusações de corrupção. Obrigado a exilar-se na Europa. Durante seu curto exílio recebeu do governo francês a medalha da “Legião de honra”.

Enquanto esteve fora do Brasil, cada diretor assumiu uma seção do Paulistano e ele foi mantido presidente mesmo durante o exílio, na prática que administrou o clube nesse período foi seu primeiro vice-presidente Fernão Sales. Quando retornou do exílio em 1932, foi feita uma comitiva até Santos para recebê-lo (AMARAL:1977:59). Enquanto isso o clube sofreu uma rígida limpeza para receber seu presidente (Idem). O caráter paternalista se mantém, os associados se comportam como filhos que recebem de volta os pais mantendo a cada bem organizada. A lógica da retribuição se manifesta e se reproduz incessantemente em suas constantes reeleições. Antônio Prado Junior foi presidente até 1954 quando renunciou. Morreu um ano depois em 17 de novembro de 1954 com 74 anos de idade. Como homenagem o clube batizou o ginásio e esportes com seu nome

O Papel exercido pelos dirigentes durante o amadorismo pode ser analisado levando-se em consideração a teoria de reciprocidade de Marcel Mauss, esta implica um circuito pelo qual se movimentam pessoas e coisas a partir de três fundamentos: Dar, Receber e Retribuir (MAUSS:2003: 104-114). O Dar seria a ação doadora do dirigente não só do ponto de vista financeiro, mas do tempo dedicado ao clube, o Receber se daria na aceitação da dádiva pelo clube e da liderança do dirigente e a Retribuição seria a retomada do objeto dado, pois seria a obrigação que estaria no cerne da circulação dos outros dois, estaria na manutenção da memória do dirigente na trajetória do clube. O dever de retribuir avalia o sucesso das trocas, aprofundando os vínculos, a retribuição fundamenta-se no princípio da própria reprodução da sociedade (Idem:115).

O dirigente pode doar, pois controla o dinheiro, transformando isso em um poder sobre uma “*entourage*” que gravita em torno dele, a força da dádiva faz com que aquele que a recebe, precise retribuir. Para Damo (2002), essa relação de Dar, Receber e Retribuir assume uma configuração social e simbólica em uma cadeia de reciprocidades múltiplas, a força do dirigente reside na crença dos grupos que o reconhecem, quer dizer, são as configurações sociais que geram a possibilidade da doação responsável pela orientação e manipulação do clube.

Tão importante quanto o ato de doar é a diluição da doação nas relações de honra, fidelidade e prestígio. A serviço da acumulação de bens políticos, o uso do capital econômico, que se faz de forma aparentemente generosa, emerge como a principal forma de manter o poder político, multiplicar seu prestígio no clube e no universo esportivo. A imagem de um abnegado servidor do clube e do esporte era constantemente explicitada pelos diversos discursos proferidos nos órgãos de imprensa e nas cerimônias clubísticas, como a que concedeu a Antônio Prado Junior o título de “Patrono Perpetuo do clube”⁸:

Ontem o C. A. Paulistano prestou ao seu presidente o sr. Antônio Prado Junior, um dos nossos mais esforçados e esclarecidos esportistas e o principal fator do grêmio do Jardim América, uma significativa homenagem, que constou da posição de uma placa comemorativa no salão nobre do clube e a entrega de um pergaminho considerando-o patrono perpetuo do clube⁹.

A placa está no salão de reuniões dedicada a ele com os dizeres:

A Antônio Prado Junior que com ânimo viril e nobres inspirações, consagrou patriótica e abnegadamente ao Club Athletico Paulistano e à causa da Educação Física, os mais belos feitos de energia e capacidade, os seus consórcios agradecidos (São Paulo, Setembro de 1921).¹⁰

O clube é um espaço de articulação política, de poder, que como a maneira do estado se ópera organizando relações, distribuindo cargos e posições de prestígio (DAMO, 2007). Para a compreensão desse tema é necessário a análise das diversas configurações assumidas pelos dirigentes esportivos que atuam nos clubes responsáveis pelas transformações internas da agremiação.

Com a popularização do futebol passou-se a denominar o dirigente esportivo de “Cartola”, o termo segundo Bernardo Buarque de Holanda é polissêmico, abarca um conjunto ampliado de dirigentes esportivos, desde aqueles que transitam na burocracia estatal, quanto aos que pertencem ao universo clubístico. Essa denominação vinculada de início aos dirigentes do Fluminense, pelo caráter elitista atribuído ao clube, circularia até a década de 1960. Cartola é um termo assumido como pejorativo cujo intuito é

⁸ Relatórios de trabalhos sociais do CAP – 1921, publicado em 1922, p 49

⁹ *O Estado de São Paulo*, 10 de outubro de 1921, álbum de recorte e jornais do CAP, p 138.

¹⁰ Salão de reuniões do CAP.

ironizar o estilo supostamente refinado da elite esportiva, o estilo de vestimenta com casaco e cartola foi carnavalizado pelas classes subalternas. O Cartola seria aquele situado no topo da escala de poder no clube, que usufruía das regalias oferecidas pela posição. Responsável pela política do microcosmo do futebol, tal função ficou mais destacada a partir dos anos trinta com a querela entre amadorismo e profissionalismo (HOLLANDA:2010:120).

A apesar da imagem do dirigente ter se expandido com o profissionalismo, ao analisarmos a trajetória de Antônio Prado Junior como dirigente, percebemos que a figura do dirigente esportivo não pode ser associada apenas a adoção do profissionalismo, ele já existia, e com muita ênfase, durante o amadorismo com características muito semelhantes as atuais, podemos acrescentar que a forma de atuação dos dirigentes esportivos tem suas origens durante o amadorismo, lembrando que até hoje é uma atividade amadora e diletante, movida em tese pela paixão ao clube. Esses sujeitos sociais são homens proeminentes e distintos que possuem o “espírito do amadorismo” mesmo com uma situação de profissionalização disfarçada ou não. A manutenção do *ethos* amadorístico se justifica para reforçar e assegurar a hierarquia e posições de mando no interior dos clubes. Tal característica se mantém mesmo após a adoção oficial do profissionalismo “diretor e torcedor, malgrado todas as diferenças hierárquicas, continuariam a ser verso e reverso da mesma medalha, partilhando uma, mentalidade amadora muito próxima entre si (IDEM:132 -133)

Figuras como Antônio Prado Junior representam a própria imagem que se construiu de um bom dirigente; rico, famoso, com forte influência social pelo sobrenome familiar e bom trânsito na imprensa. Sóbrio nas suas colocações, não aparecendo tanto, há não ser nos momentos decisivos, como fiel da balança. Suas convicções não são limitadas a seus clubes, mas ao esporte em geral, visando seu aperfeiçoamento e desenvolvimento. Essa imagem se contrasta com o dirigente mais efusivo e brutalizado, associado a clubes de subúrbios, vistos como maus dirigentes que só pensam nos interesses de suas agremiações e não no bem do esporte.

Antônio Prado Junior é o protótipo do dirigente que possui a capacidade de incorporar as características atribuídas ao clube. É nesta capacidade de articular o imaginário do clube e sua prática social que reside a magia que esse tipo de dirigente parece emanar. Concordando com Bulmarqui, se os clubes de futebol são microcosmos

refletidos do Estado Nação, o presidente pode afigurar-se com o líder carismático e salvador, aquele que aparece em momento de crise dotado de poderes mágicos, (BULAMARQUI:2013:153). Esses cartolas representam a própria entidade, exalam um carisma construído pelo êxito na administração e na vitória esportiva, “somente aqueles vencedores é que serão dignos de culto e lembrados a longo e médio prazo” (IDEM:154).

A imagem do Paulistano como clube de elite se perpetua pelo carisma de seu presidente em uma circularidade entre o estilo de direção e a imagem dos dirigente, ele representa o próprio *ethos* do grupo social, ou seja, o que o dirigente é, torna-se o que o clube é, Antônio Prado Junior é ricos assim como o seu clube. Dessa forma, entendendo essa agremiação como comunidade imaginada, seus dirigentes representam as tradições dessa comunidade clubística, seus sistemas de códigos e de *habitus*. Permitindo extrair dos sócio do Paulistano uma “nobreza” atribuída a uma noção de riqueza aristocratizada. A maior parte dos dirigentes que sucederam o citado vieram de camadas médias e altas da sociedade paulistana, com fortes vínculos familiares ou de amizades com o Patrono.

Seguindo a premissa de Gueertz (1978b), que compreende o jogo como drama filosófico, o esporte é uma fábrica de alteridades e identidades, permitindo que uma série de valores possa ser discutida. A longa administração de Prado Junior teve um caráter de doação adquirindo uma característica patrimonialista, essas doações foram feitas ao longo de muitos anos, representam o modelo do “patrão-mecenas”, discreto, implicando não em uma paixão cega, mas na temperança e em um equilíbrio moral e detalhista necessário para dar a sua agremiação uma alma, uma identidade. A comunidade esportiva resta receber a dádiva de seu patrono e beneficiar-se com ela, promovendo o esporte, em seu nome e de seu protetor, não há possibilidade do doador existir sem a capacidade de receber daquele que se beneficia da doação, portanto, ao clube e seus associados cabe usufruir da doação dentro dos princípios e regras estabelecidas pelo doador que passa a ser a própria representação da instituição, que se reconhece na forma de pensar e agir de seu patrono. Existe uma conexão entre as formas desse dirigentes administrar e as representações historicamente construídas e entronizadas no imaginário dos clubes.

BIBLIOGRAFIA:

AMARAL, Luiz Fernando do Amaral. *Minhas Reminiscências do Club Athletico Paulistano*. São Paulo. Club Athletico Paulistano, 1977.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1990.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: perspectiva, 1992

BRANDÃO, Ignácio de Loyola, *Club Athletico Paulistano: corpo e alma de um clube centenário*. São Paulo: DBA Artes Gráficas. 2000.

BULAMARQUI, Luis Guilherme Soares Porto Rocha *A outra razão: Os presidentes de futebol entre práticas e representações* – Dissertação de Mestrado UFF RJ 2013.

DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. 159 páginas.

_____. *Do Dom a Profissão: uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação do futebolista no Brasil e na França*. Porto Alegre: Tese de doutorado em Antropologia. UFRGS, 2005.

GEERTZ, Clifford “Um jogo absorvente: notas sobre as brigas de galo balinesa” – In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O clube como vontade e representação: O jornalismo esportivo e a formação ds torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 7 Letras, FAPERJ, 2010

LEVI, Darrelln E. *A Família Prado*. São Paulo. Cultura 70 – Livraria e editora AS. 1977.

MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva: forma e razão de troca nas sociedades arcaicas” In: *sociologia e Antropologia*. Pág. 182-315. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

SCHUPUN, Mônica Raisa. *Beleza em Jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. Boitempo editorial, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*. Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 1992.

THOMPSON, Paul: *A Voz do Passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.